

A ORELHA CONTRALATERAL NO COLESTEATOMA ADQUIRIDO

ANDRÉ GÖRGEN NUNES; GABRIEL SUCOLOTTI PANOSSO, FABIO ANDRE SELAIMEN, LETICIA PETERSEN SCHMIDT ROSITO, CRISTINA DORNELLES, SADY SELAIMEN DA COSTA

Introdução: Colesteatomas adquiridos têm sido extensamente estudados. As teorias mais aceitas sobre sua patogenia são as que envolvem retração prévia da membrana timpânica. Pouco se sabe sobre o que acontece na orelha contralateral. Objetivo: Avaliar a prevalência de alterações significativas na orelha contralateral de pacientes com colesteatoma adquirido. Métodos: Este é um estudo transversal onde foram avaliados 1015 pacientes com otite média crônica em pelo menos uma orelha e sem cirurgia prévia - no período de Agosto de 2000 e Janeiro de 2001. Foram realizadas filmagens por otoendoscopia da orelha afetada e também da orelha contralateral, esta classificada como normal ou anormal. Resultados: Duzentos e sessenta pacientes com otite média crônica colesteatomatosa foram incluídos. A média de idade foi 31,7 anos e 52,7% eram homens. Apenas 35,6% das orelhas contralaterais eram normais ou com mínimas alterações, como timpanoesclerose, neotímpano e retração leve. As alterações mais prevalentes na orelha contralateral foram retração moderada e severa presente em 42%, seguida por colesteatoma em 17%. Conclusão: Os resultados sugerem que pacientes com colesteatoma adquirido têm uma maior probabilidade de apresentar anormalidades na orelha contralateral. As mais frequentes foram retrações timpânicas e colesteatoma. Isso corrobora a idéia que a otite média crônica não é um evento isolado mas, sim, um processo, com alta prevalência de bilateralidade, em que podem estar envolvidas as características constitucionais do indivíduo.